

HISTÓRIA DA TERAPIA FAMILIAR: DOS ESTADOS UNIDOS À BAHIA

Ada Nícia Nogueira Diógenes Santos*

RESUMO: *Este trabalho trata de uma narrativa construída para a história da terapia familiar, ressaltando a sua origem nos Estados Unidos, fundamentos teóricos, modelos e sistematizadores, expansão/evolução histórica, mudanças e sua origem e desenvolvimento na Bahia. Esta narrativa foi construída com base em pesquisa que desenvolvemos quando fazíamos o Curso de Especialização para Formação em Terapia Familiar da Universidade Católica do Salvador – UCSAL em convênio com o Centro de Orientação Familiar – COFAM. Nesta pesquisa, usamos como metodologia básica a história oral, complementada pela análise de conteúdo e a pesquisa bibliográfica. Das conclusões a que chegamos, destacamos a relevante contribuição de Assistentes Sociais na origem da terapia familiar, tanto no plano internacional, quanto no local, o pioneirismo e espírito inovador de pessoas (a exemplo de Maria Joaquina M. P. e Margarida Rêgo) e instituições como a Universidade Católica do Salvador – UCSAL, Centro de Orientação Familiar – COFAM e Centro de Estudos da Família e Casais – CEFAC, na formação de terapeutas de família e na consolidação da terapia familiar na Bahia.*

Palavras-chave: Narrativa; História; Terapia Familiar; Estados Unidos; Bahia; Fundamentos; Modelos.

Este trabalho tem por objetivo construir uma narrativa para a história da terapia familiar, percorrendo o caminho trilhado desde sua origem nos Estados Unidos até sua chegada e consolidação na Bahia. Para tanto realizamos pesquisa no final do Curso de Especialização para Formação em Terapia Familiar da Universidade Católica do Salvador em convênio com o COFAM, no período compreendido entre março de 2002 e março de 2003.

Para a parte internacional, utilizamos a pesquisa bibliográfica e, para a parte local, a metodologia básica, a história oral, complementada pela análise de conteúdo.

Internacionalmente, o nascimento da Terapia Familiar é situado nos Estados Unidos, no final da década de 50 do século XX, tendo em Bateson e Ackerman os pioneiros sistematizadores. Bateson, teórico, entendia as famílias como sistemas condutores de idéias. Ackerman, mais dedicado à prática clínica, defendia a idéia de que as famílias eram agrupamentos de indivíduos em luta para equilibrar sentimentos, irracionalidades e desejos.

Os primeiros, terapeutas de família ou “condutores”, pois, embora seja a terapia um empreendimento conjunto (terapeuta e família passavam a formar o sistema terapêutico), consideravam que a responsabilidade no processo terapêutico era do terapeuta; uma postura que tinha embutida a idéia do especialista e do poder do terapeuta.

Essa postura passou a ser questionada na década de 80 pelo grupo de Milão – “Milan Associates” - cuja preocupação era com a neutralidade.

Na década de 90, a incorporação do Construcionismo Social à Terapia Familiar, dando ênfase à linguagem e ao significado, veio restringir o poder do terapeuta que se vai tornar invisível, requerendo deste uma postura crítica e uma autonomia em todo o processo terapêutico.

* Mestra em Educação; Especialista em Terapia Familiar; Professora Titular da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador – UCSal.



É a noção de “observar o observador” (FOERSTER apud CERUTI, 1995, p.32). Substitui-se a idéia de uma Terapia Familiar que intervém na família, para que se criem, junto com a família, alternativas de solução para os problemas trazidos por esta para a terapia.

Como coloca Ferguson [199-?], em seu livro *A conspiração aquariana*, o cosmos conspira para que algo de novo aconteça.

“A terapia familiar foi desenvolvida por grupo homogêneo de investigadores, trabalhando em contextos bastante diferentes e com propósitos diferentes. Estes pioneiros descobriram a terapia familiar antes de se descobrir um ao outro” (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p.21).

Alguns fatores observados em separado, quando juntos, em muito contribuíram para o surgimento da Terapia Familiar.

Primeiro, foi a descoberta da relação entre o quadro clínico dos pacientes esquizofrênicos internos em instituições psiquiátricas e a situação destes em casa. Observou-se que, sempre que o paciente apresentava sinais de melhora, a família apresentava problemas, ou um de seus membros começava a apresentar sintomas. Embora nem sempre esta relação fosse negativa, apesar de ser a situação preponderante, o que estava claro é que havia uma estreita relação entre o estado clínico do paciente e a situação do agrupamento familiar.

O segundo foi a relação estabelecida, nos estudos sobre família, entre esta e a noção de grupo. Principalmente os conceitos defendidos por Kurt Lewin (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998) em sua teoria de campo, ao descrever as interações orgânicas entre os indivíduos e seu ambiente. Para ele, o grupo é sempre mais que a soma de suas partes e é esta noção que vai ser fortemente incorporada pela Terapia Familiar. Sua aplicação, porém, é limitada, porque famílias são consideradas grupos especiais, pois têm uma longa história em comum.

Em terceiro, vamos ter o papel dos conselheiros familiares, ao estimularem o entendimento, ajudando os membros das famílias a entenderem e resolverem os conflitos gerados no seio desta.

Como quarto, colocamos o movimento de orientação à criança, desenvolvido nos Estados Unidos, em clínicas que propiciam “[...] um local para estudo e o tratamento de problemas psicológicos da infância e das forças sociais e familiares complexas que contribuem para esses problemas” (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p.33).

Estas clínicas, embora ainda tratassem em separado as mães e os filhos, entendiam que a família era uma extensão da criança. Partindo dessa noção, as pessoas que trabalhavam nestas clínicas não só contribuíam para o surgimento da Terapia Familiar como também passaram a utilizá-la.

Finalmente, colocado de modo enfático por Nichols e Schwartz (1998), temos a contribuição dos Assistentes Sociais. Segundo esses autores, ninguém que escreva a história da Terapia Familiar pode deixar de colocar, com destaque especial, a contribuição dos Assistentes Sociais para a estruturação desta.

Nos serviços de assistência social aferidos nos Estados Unidos, o Assistente Social vai-se constituir, muitas vezes, no “Visitador Solitário” que vai até a casa dos clientes avaliar suas necessidades e adequá-las aos serviços oferecidos. Nesses contatos, toma ciência das situações vivenciais destas famílias. Também quando trabalham em outros serviços, a exemplo de clínicas de orientação à criança, vão-se relacionar e ter a sensibilidade de perceber aquilo que psiquiatras demoram de entender, que as famílias formam unidades. Daí, para entendê-las como sistema, ficou fácil. É a razão de que, desde a fase inicial da terapia, identificamos a presença e a forte colaboração dos Assistentes Sociais, alguns bem conhecidos nossos: Virginia Satir, Peggy Papp, Lyn Hoffaman, Michael White, Steve de Shazer e Monica McGoldrick. Isto para citar apenas aqueles que mais conhecemos através de seus textos.

Devido à entrada de novos pensadores, a prática clínica da Terapia Familiar, nas décadas de 60 e 70 do século XX, cria vários modelos – sistêmico, estratégico, estrutural, boweniano, experimental – que, embora diferentes em suas técnicas terapêuticas, tinham em comum a rejeição à psicanálise e à adoção do pensamento como base fundante.

Mais especificamente, na década de 70, o êxito da Terapia Familiar foi maior, expandindo suas fronteiras, saindo dos limites das famílias de pacientes esquizofrênicos, passando a ser utilizada em famílias com pacientes portadores de diferentes problemas: drogadição, pacientes psiquiátricos internos, violência familiar, baixo rendimento escolar, estupro e outros, nos mais diferentes modelos.

Esta diversidade de modelos de que falamos, não nos permite deixar de fazer justiça e colocar, em Bateson e seus estudos, a origem da Terapia Familiar.

Gregory Bateson constituiu, em Palo Alto, um dos grupos considerados mais fortes na base da estruturação da Terapia Familiar.

O outro grupo, que está no período inicial da Terapia Familiar, é o de Don Jackson, interessado principalmente em tratar famílias, ao passo que o de Palo Alto, dirigido por Bateson, tinha interesse maior em pesquisas e formulações teóricas acerca da comunicação humana. Na fase inicial, contou com Jay Haley e John Weakland.

Uma das contribuições do grupo foi o conceito de duplo vínculo (publicado em 1956) e sua relação com os comportamentos psicóticos que seriam consequência da incapacidade do indivíduo de lidar com a realidade de uma comunicação perturbada.

Também merece destaque a criação do MRI (Mental Research Institute) por Don Jackson e Virginia Satir.

Nichols e Schwartz (1998) relatam que os estudos desenvolvidos pela Terapia Familiar, com o intuito de classificar as famílias, seguiram tendências diferentes em décadas diferentes: na de 50, voltaram-se para famílias psicóticas; na de 60, para famílias com filhos delinquentes; na de 70, para famílias psicossomáticas. Mas todos em lógica linear de explicação.

Lyman Wynne trabalhou no NIMH – National Institute of Mental Health e, talvez, tenha sido o que colaborou por mais tempo com a Terapia Familiar: 40 anos. Inclusive recebeu Murray Bowen quando este foi ao NIMH fazer sua pesquisa sobre pacientes esquizofrênicos e suas famílias, trabalho que representou grande contribuição à Terapia Familiar, colocando seu autor e sua teoria (boweniana) como um dos modelos de Terapia Familiar.

Nathan Ackerman, que era psiquiatra infantil, chega à Terapia Familiar, trazendo o modo de pensar da psicanálise. Através de sua prática clínica e de suas publicações, trouxe grandes contribuições à Terapia Familiar, principalmente quando fez uso das noções de transferência, resistência e interpretação, inclusive o fato de ter, junto com Don Jackson, publicado em 1962 a primeira revista na área: *Family Process*.

Carl Wtaker foi, talvez, o mais irreverente e o primeiro a romper com a tradição psiquiátrica no tratamento da família.

Tinha a cadeira de Psiquiatria da Emory University de Atlanta e, em 1953, convidou Rosen, Scheflen, Bateson e Jackson para participarem da conferência semestral sobre família, fato marcante para a história da Terapia Familiar porque, após a apresentação de cada um, houve amplo debate sobre o movimento da Terapia Familiar.

Ivan Boszormenyi também chegou à Terapia Familiar pelas portas da psicanálise. Fundou, na Filadélfia, o IPPI – Eastern Pennsylvania Psychiatric Institute como centro de pesquisa e tratamento da famílias com membros esquizofrênicos

O EPPI também tinha por finalidade primordial treinar profissionais em Terapia Familiar.

Salvador Minuchin, de origem argentina, radicado nos Estados Unidos, embora não seja dos pioneiros, constitui grande referência e destaque na história da Terapia Familiar. Era psiquiatra e desenvolvia trabalhos com famílias pobres. Trabalhou na Philadelphia Child

Guidance Clinic, onde chegou a diretor e apresentou sua primeira contribuição de monta para a Terapia Familiar que foi o treinamento clínico prático em 1963. Acreditava que os terapeutas aprendem melhor com a experiência, pois, só depois desta, ficam capacitados para entender e aplicar os conhecimentos teóricos da Terapia Familiar Sistêmica. Sua proposta de terapia foi chamada de Estrutural.

Além desses, podemos citar ainda Cloe Madanes e Paul Watzlawick entre outros, no âmbito dos Estados Unidos.

Fora de lá, destacamos o grupo de Milão, formado por Mara Silvini Palazzoli, Gianfranco Cecchin, Luigi Boscolo e Giuliana Prata. O livro *Paradoxos e contra paradoxos* e seus autores, os Associados de Milão, citados acima, passaram à condição de referência na Terapia Familiar, na década de 80, talvez pela novidade que traziam.

Nas análises feitas hoje sobre a Terapia Familiar, esse grupo é considerado como aquele que faz a passagem dos modelos de pensamento linear e clássico para os da complexidade e pós-modernidade.

O final da década de 70 e início da de 80 foi talvez o período áureo da Terapia Familiar. Floresceram vários e criativos modelos em clima de entusiasmo e confiança.

Ainda são da década de 80 as contribuições significativas de M. Andolfi e Mony Elkain, sendo que este último, com seu conceito de resiliense, já começa também a fazer uma crítica aos terapeutas de família anteriores.

Não podemos deixar de destacar, nessa época, a contribuição das terapeutas feministas que, ao criticarem o machismo contido nos modelos de Terapia Familiar existentes, muito colaboraram para as mudanças que vimos acontecer nas décadas seguintes.

A década de 90 caracteriza-se por uma crítica aos modelos existentes, ao fechamento em modelos, partindo para a idéia de possibilidades de uso de técnicas de modelos diferentes, inclusive quebrando a dicotomia entre terapeuta individual e de família. Dentro da concepção sistêmica, com a influência do Construcionismo Social, indivíduo, casal e família são unidades em uma totalidade e, por isso, não podem ser entendidos em separado, posto que são constituídos em um contexto que é psico, social, cultural e político.

Nesta última década (90), a influência do Construcionismo Social tem sido forte, levando a uma compreensão da Terapia Familiar como integrativa e cooperativa na qual o terapeuta já não é considerado o especialista que tem poder e controle sobre a mudança do paciente. O terapeuta não conduz a mudança. Esta é có-criada no processo terapêutico.

Ao sair dos “muros” dos Estados Unidos e ser acolhida na Europa e nos demais continentes, a Terapia Familiar vai assumindo, como podemos perceber, novas direções, formas de abordagem e de prática.

Na atualidade, embora haja grande diversidade de modelos, vamos identificar como fio condutor o pensamento sistêmico e o Construcionismo Social nas suas fundamentações. E na prática, um compromisso ético com o indivíduo e a sociedade, conduzindo a Terapia Familiar a uma ênfase nas questões sociais, especialmente o sexismo, violência doméstica familiar, multiculturalismo, pobreza e justiça social.

Se no panorama internacional são reconhecidos por aqueles que fazem a história da Terapia Familiar, a grande contribuição dos Assistentes Sociais, no âmbito local, não vai ser diferente.

Se fosse um conto, poderíamos dizer que tudo começou com Maria Joaquina Moura Pinto, Assistente Social, destacada por todos como a pioneira da Terapia Familiar na Bahia.

Conforme relatos, a história da Terapia Familiar na Bahia começa na década de 70, com destaque para a contribuição dos psicanalistas Castelar, Emilio Rodrigué e Marta Berlin.

Principalmente com Emilio Rodrigué e Marta Berlin, vamos ver surgir, em 1976, com o apoio de professores convidados de fora, inclusive estrangeiros, o primeiro grupo de formação



psicanalítica, associando trabalho pessoal, de grupo e laboratórios, com direcionamento para a bioenergética e a Terapia Familiar.

Foram experiências ricas e que possibilitaram oportunidade de conhecimentos, através da vivência e do contato com os profissionais formadores citados e os convidados.

A partir desse trabalho, alguns profissionais começaram a fazer Terapia Familiar em suas atividades clínicas, com destaque para Berta Passos, Maria Joaquina Moura Pinto, Maria Luiza Moura, Maria das Graças R. Costa e Maria Luiza Timóteo. Algumas destas vieram, posteriormente, a declinar da psicoterapia e da Terapia Familiar, ou até somente da última. Outras até hoje continuam, não apenas no campo da Terapia Familiar, mas também nas suas contribuições valiosas à Terapia Familiar na Bahia.

Maria Joaquina Moura Pinto começa suas atividades como terapeuta de família na Clínica UNO, formada por quatro terapeutas que trabalhavam com bioenergética (três) e Terapia Familiar (um), constituindo um grupo de vanguarda da psicoterapia na Bahia.

Essa clínica, além do trabalho clínico, organizava seminários, principalmente para assistentes sociais. Depois, mais ou menos, de quatro anos, organiza em módulos o primeiro curso de formação em bioenergética, sendo que um dos módulos era sobre Terapia Familiar. Em 1985, este curso é reestruturado, passando a contar com dois módulos bem específicos, um de bioenergética e outro de Terapia Familiar.

Nessa época, com terapeutas de família do Rio de Janeiro e São Paulo, o módulo de Terapia Familiar teve a duração de um semestre e as pessoas que dele participaram devem ser destacadas, pois representam o embrião da Terapia Familiar na Bahia. São elas: Celeste Castro, Cleide Bezerril, Dulce Almeida, Edna Maria Durão, Elizabeth M. A. Martins, Laudicéia Fontes e Maria Célia Fontes. Essas alunas, ao concluírem o curso, pontuaram a necessidade de continuarem sua formação, sendo gratificante e estimulante, para os membros da Clínica UNO, este despertar para o conhecimento.

Com a dissolução da Clínica UNO, em 1986, Maria Joaquina convida Maria Luiza Timóteo, Sheila Moutinho e Liva Itein para compor o corpo docente e formar o CEFAC – Centro de Estudos de Família e Casal.

As duas últimas, por direcionarem seus interesses para a terapia transpessoal, se afastaram no final do ano, ficando apenas Maria Joaquina M. Pinto e Maria Luiza Timóteo. Foi um período difícil. Posteriormente, com a entrada de Vânia Castilho e Kátia Brandão, o CEFAC se reestrutura. Hoje, conta também em seu quadro com as presenças valiosas de Gisele Falcão, Elda Elbacha e Nina Vasconcelos. Com excelentes serviços prestados à comunidade local, já formou, em 13 turmas, 175 terapeutas de família.

Maria Luiza Timóteo, Assistente Social, trabalhava no Hospital Psiquiátrico Mário Leal. Estimulada pelo trabalho e em busca de uma qualificação, fez formação psicanalítica. Começou sua aproximação com a Terapia Familiar, em 1979, lendo com, Graça Pinheiro o livro de Nathan Ackerman. Depois, com a Assistente Social Maria Luiza Rangel, que também trabalhava no Hospital Psiquiátrico Mário Leal, desenvolveu projeto de trabalho com a família dos internos. Este trabalho, depois, passou a ser de fato de Terapia Familiar.

Fez curso de especialização e formação em Terapia Familiar em Madri, no Instituto del Hombre em convênio com a Universidad Autonoma de Madrid, percebendo quanto já conhecia sobre Terapia Familiar, fato que lhe rendeu o direito (concedido apenas a dois estrangeiros: ela e um mexicano) de ter autorização para fazer supervisão.

Voltou de Madri com projeto de implantar a Terapia Familiar no Hospital Psiquiátrico Mário Leal, mas não pôde por questões administrativas.

Continou no CEFAC, sempre apresentando trabalhos em congressos, e hoje, devido à maturidade adquirida, diz que transita bem com todas as escolas, a depender de cada família e da dificuldade que traz.



Vânia Castilho é também Assistente Social. Fez formação em psicanálise e, em sua prática profissional, já trabalhava com família e tinha conhecimentos acerca de Terapia Familiar, quando, em 1986, foi para Londres e lá fez sua formação em Terapia Familiar no Instituto de Terapia Familiar de Londres e na The Tavis Tock Clinic.

Continuou seu trabalho no CEFAC e é a atual presidente da ARTEF – Associação Regional de Terapia Familiar.

Margarida Maria de Carvalho Rêgo é também considerada como uma das pioneiras da Terapia Familiar em Salvador.

Trabalhava, em 1960, no Hospital Juliano Moreira com famílias de pacientes com alta médica. Àquela época, o Hospital tinha mais ou menos 1.600 pacientes, alguns com mais de 25 anos de internamento, muitos com alta médica, mas com problemas de alta social, pois eram rejeitados pela família. Daí a importância do trabalho com a família neste Hospital.

Na década de 70, fez curso de Psicodrama e conheceu Sociodrama de Casal e Família, fato que lhe despertou interesse em desenvolver um trabalho na área. Nesta época, trabalhava no Ambulatório Osvaldo Camargo e começou aí a aplicar Sociodrama de Casal e Família nos atendimentos que fazia como Assistente Social.

Leu Virgínia Satir e Salvador Minuchim e, associado aos conhecimentos que já detinha sobre Sociodrama de Casal e Família, passou, em 1981, a fazer Terapia de Casais e Famílias no COFAM – Centro de Orientação Familiar, com supervisão de Graciela Sepichi.

Margarida M. de C. Rêgo considera que seu interesse por família vem desde 1973, quando casou e passou a participar do Movimento Familiar Cristão. Mas considera, também, o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira sua grande escola.

Ainda, no Osvaldo Camargo, junto com a psiquiatra Célia Nunes, trabalhou com dois grupos de familiares de pacientes esquizofrênicos.

Foi contra a criação pelo M.F.C (Movimento Familiar Cristão) do COFAM, porque, já tendo conhecimentos teóricos sobre Terapia Familiar, não considerava correta a proposta de orientação – “casais amigos” – do M.F.C e também não considerava que os casais do M.F.C estivessem capacitados para o trabalho.

Foi voto vencido e, em 1980, o COFAM iniciou suas atividades com o objetivo de acompanhar casais em fase de reconciliação. Este objetivo inicial foi alterado a partir da participação dos casais em diversos seminários. Também influenciou para a mudança de objetivos e, conseqüentemente, do serviço oferecido.

Em janeiro de 1981, Mariza Atháide e seu esposo, Augusto César, assumiram a coordenação do COFAM. Mariza, que era psicóloga, já prestava serviço voluntário, como psicoterapeuta no COFAM e, ao assumir a coordenação deste, firmou convênio com a Universidade Federal da Bahia, passando assim o COFAM a ser campo de estágio do Curso de Psicologia da UFBA, fortalecendo a nova direção dada aos serviços oferecidos.

Formou-se uma equipe técnica da qual passaram a fazer parte, além de Psicólogos, Assistentes Sociais e, dentre eles, Margarida M. C. Rêgo.

Ficou firmada a nova vocação do COFAM de oferecer serviços psicoterápicos a populações de baixa renda.

No ano de 1987, Margarida M. C. Rêgo assumiu a coordenação do COFAM e criou o Grupo de Estudos sobre Família, formado por Vera Minho, Ana Maria Cunha, Areni Figueiredo, Alice Gordilho, Maria Auxiliadora e a própria Margarida.

Nessa época, o CEFAC, que já existia formando terapeutas de família, conforme relatamos na história de Maria Joaquina M. Pinto, organizou o Primeiro Encontro Brasileiro de Terapeutas Familiares, considerado um marco não apenas na história da Terapia Familiar local, como também na nacional.

Maurício Andolfi participou desse encontro e deu um curso para supervisores em Terapia Familiar, do qual participaram Maria Joaquina, Vânia Castilho, Maria Luiza Timóteo, Margarida Rêgo, Vera Minho e Ana Maria Cunha.

Margarida Rêgo considerou que o encontro foi também uma “injeção de coragem” para os terapeutas de família iniciantes. A partir deste encontro, surgiu a idéia de criar um curso de Terapia Familiar.

Ainda na época em que coordenava o COFAM, Margarida Rêgo recebeu do Dr. Antônio Mourão, que coordenava, junto com Dr. Adalberto Barreto e Carlos A. Molina, o Centro de Estudos da Família, em Fortaleza, cartão, apresentando Janine Radice, terapeuta de família americana, que desenvolvia trabalhos no CEF de Fortaleza e estava vindo morar em Salvador.

Margarida Rêgo convidou-a para conhecer o trabalho do COFAM ao qual Janine Radice se integra, bem como ao seu Grupo de Estudos sobre Família.

Todos estes fatores juntos possibilitaram a proposta de convênio entre o COFAM e a Universidade Católica do Salvador, através da Escola de Serviço Social, dirigida, no período, pela Assistente Social, Iranildes Viana Pereira (que, depois, também fez a formação em Terapia Familiar e que muito contribuiu para a viabilidade deste convênio).

O projeto do I Curso de Especialização e Formação em Terapia Familiar foi feito por Margarida Rêgo, com a valiosa colaboração de Janine Radice, que foi professora e uma espécie de “espinha dorsal” do curso, que teve início em 1989. Devido às dificuldades locais, o quadro de professores deste primeiro curso foi formado de muitos professores de fora de Salvador: Antônio Mourão, Adalberto Barreto e Carlos Molina, de Fortaleza, e Maria Rita Seixas, de São Paulo. A supervisão foi feita pelos profissionais do CEFAC, que já funcionava desde 1986.

Atualmente, o Curso de Especialização para Formação em Terapia Familiar, está iniciando a quinta turma, concluindo a quarta e já formou 54 terapeutas de família nas três primeiras turmas.

Com a saída, para a Alemanha, de Janine Radice, o curso sofreu uma crise, superada pelo esforço e capacitação de profissionais, que já desenvolviam estudos e trabalhos com família e que participaram do primeiro curso.

Assim, o quadro de professores terapeutas de família do Curso de Especialização para Formação em Terapia Familiar do COFAM, em convênio com a Universidade Católica do Salvador, passou a ser composto por Célia Nunes, Ana Maria Cunha, Vera Minho, Gleine C. G. Costa, Margarida Rêgo e, mais recentemente, Ângela Teixeira.

Como nos fala Margarida Rêgo, graças a Deus, ela foi voto vencido, e o COFAM foi criado. Hoje conta com 78 profissionais (Psiquiatras, Psicólogos, Terapeutas de Família e outros) em trabalho voluntário, tendo atendido, até 2002, a 27.116 casos, sem conseguir dar conta da demanda, que é sempre superior. É campo de estágio clínico para os alunos do Curso de Especialização para Formação em Terapia Familiar e do Curso de Psicologia da UFBA. Por tudo o que foi dito, dispensa-se falar da importância do COFAM na sociedade soteropolitana. De qualquer forma, fazemos questão de destacar, devido à relevância dos serviços prestados.

Falar de COFAM, ao falar de Margarida Rego, não é um erro, pois o seu envolvimento com a instituição é muito grande.

Com o crescimento do número de terapeutas de família em Salvador, a participação em Encontros Nacionais e o conhecimento da organização destes em Associações, surge a idéia de criação de uma associação local.

Assim, no dia 19 de junho de 1996, é criada a Associação Regional de Terapia Familiar – ARTEF, com os seguintes objetivos:

1 – promover congressos, cursos, seminários, debates culturais e científicos, teóricos e técnicos, nacionais e estrangeiros, em sua área de atuação;



- 2 - promover cooperação e intercâmbio entre centros de reconhecida experiência científica no Brasil e no exterior, a fim de ampliar e divulgar os conhecimentos e trabalhos realizados na área e áreas afins;
- 3 – incentivar a formação de profissionais dentro dos critérios éticos, científicos e prática clínica supervisionada;
- 4 – promover a publicação de revistas, boletins e congêneres, para divulgação de trabalhos científicos na sua área de atuação;
- 5 – representar o associado perante os poderes constituídos, quando para isso for solicitado;
- 6 – apreciar as denúncias formuladas contra seus associados e adotar as medidas pertinentes a cada caso.

Contou com 17 sócios fundadores, e a primeira Diretoria foi assim formada:

Presidente: Margarida Maria de Carvalho Rêgo.

Vice-presidente: Maria Luiza F. Timóteo.

1ª Secretária: Nina Vasconcelos.

2ª Secretária: Kátia Bastos Fonseca.

1ª Tesoureira: Célia Nunes.

2ª Tesoureira: Elda Elbachar.

Diretora de Comunicação: Maria Joaquina M. Pinto.

Conselho Deliberativo:

Maria Isabel Maia Menezes

Rita de Cássia P. de Lemos

Maria de Lourdes de A. Silva.

Conselho Fiscal:

Gleine Conceição G. Costa

Maria Alexandrina S. G. Santos

Edna Maria R. de S. Régis.

Conselho de Ética:

Vânia Bastos F. de Castilho

Gisele Falcão de A. Alves

Vera Maria da S. Minho.

Entre as realizações da ARTEF, podemos destacar: a confecção de dois boletins até outubro de 1999 e o lançamento de mais um no dia 19 de março de 2003; dois Encontros Regionais – Região Nordeste – de Terapeutas de Família (1999 e 2001). No primeiro, foi ministrado o curso “O resgate da autoridade parental”, por Haim Omer, e no segundo, o curso “Desafiando o papel do terapeuta como principal intervenção na Terapia Familiar”, por Lars Brok. Este último foi interessante, um momento à parte, quando estrutura a família dos terapeutas de família na Bahia, atribuindo a Margarida Rêgo e Maria Joaquina M. Pinto o papel de avós, e a Vânia Castilho e Maria Luiza Timóteo, o de mães, e às demais, os de tias e filhas.

A ARTEF também organizou o II Encontro Nacional de Formadores em Terapia Familiar, nos dias 5 e 6 de agosto de 1999, em Salvador.



Mas seu trabalho de maior destaque foi a organização, em agosto de 2002, do V Congresso Brasileiro de Terapia Familiar e do III Encontro Latino-Americano de Terapia Familiar em Salvador, sendo Presidente do evento Maria Luiza F. Timóteo.

Ao falar da história da Terapia Familiar em Salvador, não podemos deixar de falar do NET – Núcleo de Estudos das Terapias: grupal, individual e familiar, fundado por Ângela Teixeira e Margarida Rêgo no ano de 1998.

Foi através do NET que tivemos a oportunidade de ter aqui os seguintes cursos:

- a) Construtivismo na Escola de Milão: atendimento a famílias com membros psicóticos, ministrado por Luigi Boscolo, em agosto de 1999;
- b) Ressonância e *assemblage*, ministrado por Mony Elkain, em agosto de 1999;
- c) Terapia breve focalizada na solução, ministrado por Arild Aambol, em novembro de 1999.

Além desses cursos, realizou dois *Workshops*: em outubro de 1998, o *Workshop* com Tom Andersen sobre a Prática da Equipe Reflexiva, e, em abril de 2002, o *Workshop* ministrado por Florence Kaslow sobre Genograma Projetivo e Estratégias de Sobrevivência com Famílias Recasadas.

Ao encerrar esta breve história da Terapia Familiar na Bahia, temos certeza de que muitos fatos não devem ter sido relatados, mas esperamos, no mínimo, ter alcançado o objetivo proposto de construir uma narrativa, colocando, em linhas gerais, como esta surgiu e tomou a forma que tem hoje na Bahia e internacionalmente.

REFERÊNCIAS

CERUTI, Mauro. O mito da onisciência e o olhar do observador. In: WATZLAWICK, Paul; KRIEG, Peter (Org.). *O olhar do observador: contribuições para uma teoria do conhecimento construtivista*. São Paulo: Psy II, 1995. p.31-55.

ELKAIM Mony (Org.). *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998. v.2.

ELKAIM, Mony (Org.). *Terapia familiar em transformação*. São Paulo: Summus, 2000.

FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana: transformações pessoais e sociais nos anos 80*. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, [199-?].

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1988.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Nichols, Michael P; SCHWARTZ, Richard C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RELATÓRIO 21 anos. Salvador: MFC/COFAM, 2001.

SANTOS, Ada Nícia Nogueira Diógenes. *De equipe reflexiva a processos reflexivos: como entendemos e aplicamos*. 2003. 87 f. Monografia (Especialização para Formação em Terapia Familiar)-Universidade Católica do Salvador/COFAM, Salvador, 2003.



SEGOLIN, Fernando. *Personagem e anti-personagem*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo – a fenomenologia – o marxismo*. São Paulo: Atlas, 1987.